

– Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face.¹

Escre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma auto-apresentação²

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, inventava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. As bonecas de pano e de capim que minha mãe criava para as filhas nasciam com nome e história. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia.

Na escola adorava redações tipo: "Onde passei as minhas férias", ou ainda, "Um passeio à fazenda do meu tio", como também, "A festa de meu aniversário". A limitação do espaço físico e a pobreza econômica em que vivíamos eram rompidas por uma ficção inocente, único meio possível que me era apresentado para escrever os meus sonhos.

Ler foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho. Repito, eu lia. Avançava pela noite adentro, com os olhos cansados da luz de lamparina de querosene, com as narinas infectadas pelo cheiro do combustível, pois só mais tarde, muito mais tarde, a luz elétrica nos chegou como um bem de consumo. Mas, também se instituiu o uso de velas, tornou-se necessário, pelas nossas dificuldades, a economia. E as minhas leituras passaram ser iluminadas pelo fogo brando e pelo cheiro característico da parafina. Mas foi como se o destino da leitura e da escrita me perseguisse. Minha mãe e ainda tias e primas trabalharam para família de escritores como: Alaíde Lisboa de Oliveira, Lara Resende, Eduardo Frieiro, Luzia Machado Brandão, Lucia Cassasanta... Entretanto, o evento maior, foi quando uma das minhas tias que trabalhava para a senhora, Etelvina

¹ Texto apresentado na mesa de escritoras convidadas do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003

² Texto publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, Idéia/Editora Universitária, 2005

Viana, responsável pela implantação da Biblioteca Pública de Belo Horizonte, passou a ser servente dessa casa-tesouro. Ali, na moradia dos livros, a minha entrada se tornou ampla e irrestrita. Passei a ter uma biblioteca à minha disposição. Na época lia dos olhos doer. Já tinha viajado com Monteiro Lobato, tinha me apropriado da Bonequinha Preta de Alaíde Lisboa, fiz-me neta de Vovó Felício de Alfonso de Guimarães, etc, etc. Mais tarde busquei Jorge Amado, Oto Maria Carpeux, Herbeto Salles, misturados a Sant Exupéry, Gui de Maupassant, Croni, outros e outros. Mais ou menos pelos trezes anos, a questão racial me apresentou de tal força, que fui ler Raimundo Nina Rodrigues. Não é preciso dizer que mais me confundi.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

Da escre (vivência) de dupla face

Colocada a questão da identidade e diferença no interior da linguagem, isto é como atos de criação linguística, a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, alias, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher *se salva* pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao

poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Mata-se no discurso literário a sua prole, ou melhor, na ficção elas surgem como mulheres infecundas e portanto perigosas. Caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre *focinhando*, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais. O que se argumenta aqui é o que essa falta de representação materna para a mulher negra na literatura brasileira pode significar. Estaria a literatura, assim como a história, produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimentos de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? Para corroborar o argumento, aqui feito, de que a sociedade brasileira tende ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional, trago as considerações de José Maurício Gomes de Almeida (20001).

Almeida, analisando o indianismo romântico e a construção dos mitos de identidade nacional, para os brasileiros, observa que nas duas obras fundamentais de Alencar: *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) há uma afirmação da mestiçagem brasileira. No primeiro, o casal Peri/Ceci, a índia simbolizando o espaço americano e Peri o universo europeu se unem e da fusão dos dois surge um novo homem, o brasileiro. No segundo romance, Iracema, a mulher da terra, se entrega ao herói português, também aí, busca-se consagrar o caráter mestiço da sociedade brasileira, nasce o primeiro cearense, fruto do colonizador com a mulher da terra.(p.95) Para Almeida, essa idealização se fazia possível, porque no tempo de Alencar o contato sexual entre o branco e o índio seria tão infrequente, a não ser nas distantes terras amazônicas, que a idealização mestiça indígena se tornava mais possível. Sem discordar radicalmente de Almeida, acrescento que se tornava “mais difícil, senão impossível, idealizar o negro escravizado”, como observa Heloisa Toller Gomes (1988, p.29) “.

O romance abolicionista, *A Escrava Isaura* (1875) de Bernardo Guimarães, não se trata de uma heroína negra, como também observa Almeida (ibid. 96-7). Na narrativa a senhora elogia a tez clara da escrava e mais, parece felicitar a moça por ter tão pouco “sangue africano”, dizendo-lhe: “És formosa, e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (*A escrava Isaura*, Guimarães, (1976, p.29,31).

Diante do romance de Guimarães, que tinha a intenção abolicionista, e de outros, concordo com o que diz Sueli Carneiro (2003, p.50) ao pensar a questão de gênero e raça vivida pelas mulheres negras. Carneiro diz que “as mulheres negras fazem parte de um continente de mulheres [...] que são retratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”.

Entretanto, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo.

As mulheres negras não precisaram repetir o discurso da necessidade de romper com a prisão do lar e do direito ao trabalho, pois elas sempre trabalharam desde a escravidão, inclusive nas ruas, como *as escravas de ganho*. E com a *Abolição* confirmaram o papel de provedoras material e espiritual da comunidade afro-descendente, quando o homem negro ficou mais vulnerável às transformações sociais da época. Nesse momento, a mulher negra, se valendo de uma herança religiosa africana produz seus modos sobrevivência, conforme o exposto pela a socióloga, Venina D'Ogum (2003 p.100):

A mulher negra, entretanto, com sua expressividade religiosa, [...] através de seus cantos e danças, e ainda, com suas economias e dotes culinários, [...] foi para os cantos das ruas e esquinas vender a sua comidas e iguarias, ao mesmo tempo, que mística, evocava a benção dos ancestrais.

Helena Teodoro (1960), também destacando a inserção das mulheres negras na teia familiar, localiza ali as formas de criatividade de suas antecessoras. Para a filósofa, a mulheres negras das gerações passadas deteriam uma capacidade criadora que não apareceria revelada nas formas de arte do poema, da música e da dança, mas nas artes de dentro de casa, no espaço doméstico, no cuidado com as pessoas. As considerações de Teodoro relembram o que Luce Girard (2000, p.215) diz do fazer das mulheres do povo. Para Girard, as mulheres populares teriam uma arte que estaria inscrita “na atenção pelo o corpo do outro”. Nesse sentido são da pesquisadora brasileira as palavras que se seguem:

Sem dúvida, nossas avós e mãe não eram santas, mas artistas, arrastadas para uma loucura entorpecida e sangrenta pelas fontes da criatividade nelas existentes e para as quais não havia escapatória!

Sua arte não foi traduzida em poemas, músicas ou danças, mas na arte diária do cozinhar, do costurar, do bordar e de plantar jardins, que enfeitaram nossa infância e embelezaram nossas vidas.

No mercado, na cozinha, no barracão, na equipe de costura, na organização de festas e recepções, a mulher negra vem cumprindo os seus papéis. Arquétipos segundo os mitos africanos: nutre, protege, organiza, cria. (p.119).

O núcleo familiar e a atuação da mulher negra junto aos seus também foram aspectos observados pela socióloga e militante feminista negra, Lélia Gonzalez (1982 p.103). A socióloga destaca a atuação da “*mulher negra anônima* (grifos no original) [como] sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família [...]. Para Gonzalez essas mulheres são exemplares, inclusive, para as lutas das feministas negras, pois” apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder (ibid. 104).

Investindo contra várias formas de silenciamento, as mulheres negras continuam buscando se fazerem ouvir na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o negro. Imagens nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras.

Comentando sobre a perpetuação de um imaginário negativo que ainda paira sobre a mulher negra em geral, Sueli Carneiro, (op.cit) nas linhas iniciais de um texto que nos reporta à violência do período colonizatório nas Américas, diz que já são suficientemente conhecidas as condições históricas em que o processo de colonização se deu. Foram momentos marcados por uma relação de coisificação dos negros em geral e particularmente das mulheres negras. Suas palavras relembram que o assujeitamento das mulheres é próprio de qualquer conjuntura de conquista e dominação, pois, “a apropriação sexual das mulheres do grupo derrotado é uns dos momentos emblemáticos de afirmação da superioridade do vencedor”.(p.49) Ao que mais adiante a filósofa e diretora do Geledés acrescenta que:

O que poderia ser considerado histórias ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem

social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero, segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (ibid, p.50)

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos da segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre* (*vivência*) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. Na escrita busca-se afirmar a duas faces da moeda num único movimento, pois o racismo como lucidamente observa Sueli Carneiro, (op.cit. 51) “determina a própria hierarquia de gênero” em sociedades como as latino-americanas, multirraciais, pluriculturais e racistas. Para pensar também racismo vinculado a outros modos de opressão, busco as conclusões de Luiza Bairros (2000), quando a estudiosa afro-brasileira lendo as feministas afro-americanas discorre sobre a teoria *feminist standpoint* (ponto de vista feminino) defendida pelas feministas negras americanas.

Segundo as militantes negras estadunidenses a experiência de opressão sexista é vivida de acordo com “a posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam-se em diferentes pontos”.(p. 461).

Não existe, portanto, uma identidade única para as mulheres, “pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada (ibid)”. Para a socióloga afro-brasileira, essa formulação teórica permite “entender diferentes femininos”, como também, ajuda refletir a cerca dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil”. O último nasceria da necessidade – assevera Bairros – “de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro ‘vivida’ através do gênero“ e

de ser mulher “vivida” através “da raça”. Nesse sentido tornam-se desnecessárias, acrescenta Bairros, quaisquer tipo de discussão sobre qual luta deveria ser priorizada pelas mulheres negras. Lutar contra o sexismo ou contra o racismo? Pela teoria *Feminist Standpoint* “as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da ação políticas, uma não existe sem a outra”, responde Bairros (*ibid*).

Observa-se ainda, que em nota em pé de página de seu ensaio, a socióloga afro-brasileira faz questão de enfatizar que os “homens vivenciam a raça através de gênero, mas ao contrário das mulheres, não percebem os efeitos opressivos do sexismo sobre a sua própria condição”. Por isso – continua Bairros – são propensos “a confundir às desigualdades de gênero com antagonismo entre homens e mulheres, ou com uma tentativa de acabar com os” privilégios da condição masculina “e que na verdade eles [homens negros] não desfrutam plenamente numa sociedade racista”. (*ibid*)

Retomando a reflexão sobre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*.

Nesse sentido alguns textos tornam-se exemplares, como os de: Geni Guimarães, Esmeralda Ribeiro, Miriam Alves, Lia Veira, Celinha, Roseli Nascimento, Ana Cruz, Mãe Beata de Iemanjá , dentre outras. Não se pode esquecer, jamais, o movimento executado pelas mãos catadoras de papel, as de Carolina Maria de Jesus, que audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, inventaram para si um desconcertante papel de escritora, que para muitos veio *macular* uma pretensa e desejosa assepsia da literatura brasileira.

Essas escritoras buscam na história mal-contada pelas linhas oficiais, na literatura mutiladora da cultura e de dos corpos negros, assim como em outros discursos sociais elementos para comporem as suas escritas. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembram e bem relembram as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas.

Sobre volver o olhar para a tradição e daí construir uma escrita, recordo aqui fala de Irène Assiba d’Almeida (1995 p.138). A escritora da África Francófona Negra,

junto às contemporâneas se dispuseram a buscar no passado a revivência de lugares e de modos de ocupação das mulheres anteriores às elas. E da conduta de suas antecessoras, elas inventaram estratégias de afirmação no presente. Valorizando o modo de enunciação daquelas, as escritoras africanas francófonas, depois de terem sido reduzidas ao silêncio literário durante longo tempo, empreenderam, segundo d'Assibá, uma veritable 'prise d'écriture' inspiradas no papel em que suas predecessoras desempenharam na produção da "oralitura". E, hoje, como escritoras, recontam, suas histórias pelo intermédio da escrita, assevera a escritora.

Também no terreno americano se torna perceptível a deferência das mulheres negras em relação às anteriores, como pessoas portadoras de uma arte, que como semente viria aflorar bem mais tarde em suas sucessoras.

José Eduardo Fernandes Giraudo (1997 p.61) falando sobre a literatura de mulheres negras americanas, notadamente Toni Morrison, e visitando os escritos de Alice Walker traz algumas palavras da autora da *Cor púrpura*. As palavras da afro-americana podem ser lidas junto às considerações de Teodoro sobre os modos de revelação da arte das mulheres negras brasileiras das gerações passadas, citadas anteriormente.

Walker diz que a maioria de suas antecessoras logrou manter a criatividade por meios diferentemente dos brancos. "Elas cantavam, acima de tudo", pois viviam em uma época, em que durante muito tempo era considerado um crime, o ato de um negro ler ou escrever, como também a ele era proibido pintar ou esculpir. Desse modo, a arte era impressa em qualquer material que a artista tivesse acesso e por qualquer meio que lhe fosse permitido posicionar "numa sociedade racista e sexista".

A centelha criativa, o 'espírito' que animavam essas mulheres, foi transmitido anônima e oralmente de geração a geração. Refletindo sobre a história dessas mulheres que sofriam tantas interdições, e valorizando as estórias que sua mãe contava, a fala de Walker soa como um tributo às suas antepassadas. Ela diz, que se as mulheres escravas não lhes foi possível se tornarem escritoras, se não puderam colocar no papel a sensibilidade que possuíam, é nessa "mesma sensibilidade que a poesia e a ficção de suas filhas e netas têm origem". (ibid, p.62).

Walker ainda afirma que a arte dessas mulheres não se apresentava somente nas histórias que contavam, mas também nos afazeres cotidianos, “nas atividades miúdas do dia-a-dia, atividades em regra tanto funcionais quanto estéticas”. (ibid)

Assim como a centelha da criação das mais velhas se propagou anônima e oralmente até as mais novas, e nas condições de vida das mães e das avós pode se encontrar a gênese da arte literária das mulheres negras americanas da contemporaneidade, outras heranças foram conservadas no interior do grupo. Táticas de sobrevivência foram também ensinadas e aprendidas na teia familiar de todos os povos da diáspora africana. Movimentos de resistência foram executados por grupos, ou às vezes até por um indivíduo, em toda a América compondo um repertório significativo de uma história que a história não registra. E que a literatura dos afrodescendentes, em sua versão feminina e negra como nos poemas que se seguem, podem exprimir:

CONTEMPLATIVA

ROSELI NASCIMENTO

sui
sui generis
sui
suicídio
à musa/mucama
contemporânea
contemplativa

in Cadernos Negros,9,p.26

CORAÇÃO TIÇÃO

Ana Cruz

Quero me lambuzar nos mares negros
para não me perder,
conseguir chegar ao meu destino.
Não quero ser parda, mulata
Sou afro-brasileira-mineira.
Bisneta
de uma princesa de Benguela.
Não serei refém de valores

que não me pertencem.

Quero sentir sempre meu coração

como um tição.

Não vou deixar que o mito

do fogo entre as pernas iluda e desvie

homens e mulheres

daqui por diante.

In E...FEITO DE LUZ,(p. 31)

PASSADO HISTÓRICO

SONIA FÁTIMA

Do açoite

da mulata erótica

da negra boa de oito

e de cama

(nenhum registro)

in Cadernos Negros – Os Melhores Poemas, p. 118

AMÉRICA

ESMERALDA RIBEIRO

América do Sul, Rhythm and blues,

Chicago, África do sul, Capitalismo

pobreza, lixo, vício, ismos

AMÉRICA

na terceira margem

sou azul

e me sinto só

mas eu sei quem sou:
samba, rap, capoeira, blue
e tenho soul

in International Dimensions of Black Women's Writing, Vol. 1, p. 203

RESGATE

ALZIRA RUFINO

Sou negra ponto final
devolva-me a identidade
rasgue minha certidão
sou negra sem reticências
sem vírgulas e sem ausências
não quero mais meio-termo
sou negra balacobaco
sou negra noite cansaço
sou negra ponto final.

In Finally Us... Contemporary Black Brazilian Women Writers, p. 34

CONSELHO

GENI GUIMARÃES

Quem estanca o sangue
que escorreu?
Quem sutura a língua e a boca
arrancadas no meio da fala?

Quem devolve o feto primeiro
da esperança trabalhada?
Quem resgata o tempo
e anula a doença
que comeu a saúde da África?

Não perca tempo.
Não me procure para anular delitos

que eu não posso e nem quero
agasalhar memórias.
Não vou velar insônia de ninguém.

In Balé das Emoções, p.90

VISÃO DE MIM

GENI GUIMARÃES

Plantei árvores
e poeta, fiz poemas redondos.
Do ventre,
extraí minhas raízes
saudáveis de negrume e altivez.
No entanto,
o acabado me indefine
e o gosto do que fiz
me incompleta.
Sou inacabada
até que a morte me separe.

idem, p. 140

FIZ-ME POETA

LIA VIEIRA

Fiz-me poeta
por exigência da vida, das emoções, dos ideais, da raça.
Fiz-me poeta
sabendo que nem só 'se finge a dor que deveras sente'
e crendo que através da poesia posso exprimir
a arte do cotidiano, vivida em cada poema marginal.

In International Dimensions of Black Women's Writing, VOL. 1, p. 209

A NOITE NÃO ADORMECE NOS OLHOS DAS MULHERES

Em memória de Beatriz Nascimento

Conceição Evaristo

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

In Cadernos Negros- Os melhores poemas, p 42

Referências bibliográficas

ALMEIDA, José Maurício Gomes. "Literatura e Mestiçagem" *in Outros e Outras na Literatura Brasileira*, org. Wellington Almeida Santos, Rio de Janeiro, Ed. Caetés, 2001

BAIROS, Luiza. "Nossos femininos revisitados" *in Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, vol,3, IFCS/UFRJ, PRCIS/UERJ, 1995

D'ALMEIDA, Irène Assiba. "La 'Prise d'écriture' des femmes francophones d'Afrique Noire" *in INTERNATIONAL DIMENSIONS OF BLACK WOMEN'S WRITING*, VOL. 2, Edited Carole Boyce Davies, London, Pluto Press, 1995

D'OGUM, Venina. "O matriarcado na religião afro-brasileira" *in Religiões Afro-brasileiras e Saúde*, org. José Marmo da Silva, São Luís do Maranhão, 2003

CADERNOS NEGROS, POEMAS, 9 São Paulo, Quilomboje Literatura, 1986

CADERNOS NEGROS, MELHORES POEMAS, São Paulo, Quilomboje Literatura, Minc, 1998

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo" *in Racismos Contemporâneos*, Rio de Janeiro, Ashoka Empreendedores Sociais / Takano Cidadania, 2003

CRUZ, Ana. *E...FEITO LUZ*, Niterói, Ykenga editorial, s/d

FINALLY US, *Contemporary Black Brazilian Women Writers*, by Miriam Alves, Colorado, Three Continents Press, 1995

GOMES, Heloisa Toller. *O Negro e o Romantismo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Atual, 1988

GONZALEZ, Lélia. "A mulher negra na sociedade brasileira" *in O Lugar da Mulher*, org. Madel T. Luz, Rio de Janeiro, Graal, 1982

Girard, Luci e alli, *A Invenção do Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2000

GUIMARÃES, Geni. *BALÉ DAS EMOÇÕES*, Barra Bonita, São Paulo, Evergraf, s/d

INTERNATIONAL DIMENSIONS OF BLACK WOMEN'S WRITING, VOL. 1, Edited Carole Boyce Davies, London, Pluto Press, 1995

GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da Memória – Uma leitura de Toni Morrison*, Porto Alegre, 1997

TEODORO, Helena. *Mito e Espiritualidade: Mulheres Negras*, Rio de Janeiro, Pallas, 1996.

